

FUNCHAL CULTURA 2030: MUSEUS

No âmbito do projecto Funchal Cultura 2030 foram convidados para participar numa conversa dedicada aos Museus, Ana Nóbrega (Museu da Baleia), Esmeralda Lourenço (Museu Henrique e Francisco Franco), e Raquel Fraga (Galeria Marca de Água), com moderação de Diogo Goes. A conversa decorreu no dia 15 de maio de 2020, transmitida em direto através da plataforma Zoom, disponibilizada nas redes sociais do Município.

Tendo em vista debater algumas questões essenciais dos museus, e delinear uma estratégia municipal para a cultura tendo por horizonte 2030, foram lançadas várias questões, pelo moderador Diogo Goes e debatidas pelas participantes.

A primeira questão foi a seguinte:

1 - Num contexto em que, desde 2015, foram anunciados nove museus para o espaço regional, como será o museu do futuro que queremos, atendendo ao facto de as instituições museológicas estarem fortemente dependentes, quer dos fluxos turísticos, quer da frequência de públicos escolares, nomeadamente através dos serviços educativos? E portanto, de que forma os museus do futuro podem garantir neste universo “covidico” ou pós covid, estes novos públicos?

Atendendo aos dados estatísticos apresentados pelo moderador, nomeadamente, a percentagem de visitantes dos museus da região:

- no ano 2000: 98% visitantes estrangeiros
- em 2018: 63% visitantes estrangeiros; 13% visitantes escolares e 24% visitantes residentes adultos.

Perante estes dados, o moderador lança outra questão: Se o museu é pensado para ser consciência da comunidade onde se insere, se esteve ao longo destas duas décadas fortemente dependente dos fluxos turísticos, qual será o museu do que queremos para o futuro?

Resposta 1:

A realidade na galeria de arte a que pertença é um pouco diferente, embora os públicos acabem por ser os mesmos.

Para percebermos o que será o museu do futuro temos que ver o que foi o papel do museu no passado e o que é o papel do museu no presente. Para isto terão de ser analisadas várias vertentes, atendendo a dois cenários distintos, um “covidis” e outro “pós covidis”. Após esta análise é que podemos perceber que museu é que queremos para o futuro e que condições teremos para os museus funcionarem no futuro.

Os museus mudaram, assim como o mundo mudou com o “Covidis”. Consequentemente, nós também mudámos. Já não somos os mesmos que éramos antes (da pandemia), em dezembro, por exemplo.

Os museus vão ter de se adaptar, e de se transformar, e se reinventar, de uma forma muito significativa. Numa primeira fase, vamos ter de olhar mais para os sectores educativos numa perspectiva de investigação e de conhecimento das colecções. Não vamos poder trabalhar com as crianças e com os idosos (que eram as grandes faixas dos nossos visitantes, do nosso trabalho diário) para dinamizar o museu no dia-a-dia e que mexia muito com o trabalho que nós tínhamos dentro de cada museu para dar a conhecer a sua colecção temporária, e que as reservas, muitas vezes ficavam mais esquecidas.

Vamos ter que dar mais valor às nossas reservas, à conservação e restauro e à investigação. É aí que teremos de investir, neste primeiro período do “covidis”, porque estaremos limitados em termos de visitantes.

As receitas dos museus vão diminuir drasticamente, porque não temos fluxos de turistas. Um exemplo internacional, o MOMa (Museu de Arte Moderna de Nova York) tinha no seu departamento de sector educativo muitas pessoas a contrato e acabou com todos os contratos, encerrando o serviço educativo, devido ao público-alvo (crianças e idosos) que neste momento não é possível trabalhar, devido ao confinamento, enquanto não surgir uma cura para o vírus (vacina ou fármaco), para voltarmos à vida que estávamos habituados (dentro do possível).

Criámos um clima de medo e há um medo de ir ao museu. As pessoas eram levadas ao museu pelas escolas, pelos Centros de Dia...

Mas também tem outras coisas positivas: Por exemplo, íamos ao *Louvre* e esperávamos horas para entrar e para chegar à bilheteira. Mas vamos poder ver uma coisa que não víamos antes no *Louvre*, que era uma obra de arte - a Mona Lisa. Eu não sei se alguém conseguiu ver a Mona Lisa até hoje, porque a única coisa que conseguíamos ver era uma série de pessoas todas umas atrás das outras, com uns *sticks* e umas câmaras fotográficas a filmarem a Mona Lisa.

Não vamos poder ter nos nossos museus um museu de massas. Acabou a museologia de massas. O museu vai continuar a ser democrático porque é transversal, é para toda a gente. Não vai haver elitismos, mas os grupos terão de ser muito menores.

Na Galeria, por exemplo, tenho um problema: vivo de exposições, que mudava com alguma frequência, normalmente era de dois em dois meses e fazíamos inaugurações. Neste momento não vamos fazer inaugurações por não podermos colocar pessoas dentro da Galeria. O que vamos fazer? Vamos prolongar a exposição que temos do Fernando Ricardo, que é um foto-jornalista muito bom a nível nacional e internacional, e vamos “brincar” com a exposição de uma forma interativa e digital. Vamos entrar muito nos meios digitais, que nunca foram tão importantes para levar as colecções dos museus. Eu nunca vi os museus e as galerias trabalharem tanto com meios digitais como nós vemos hoje em dia”.

Esmeralda Lourenço, mestre em Gestão Cultural, responsável pelo Museu Henrique e Francisco Franco

Resposta 1:

Não concordo com este número - 24% só são madeirenses - são apenas estatísticas. No museu Henrique e Francisco Franco temos 50% turistas e 50% madeirenses, mas por via do serviço educativo, que tem muita atividade.

Às vezes no fim-do-ano, quando fazemos as estatísticas, achava que os turistas eram muitos mais, mas por via do serviço educativo, e também do nosso projecto música nos museus, que enchia sempre as salas, todas as vezes que acontecia e essas pessoas também são contabilizadas, não como visitantes do museu, mas nas nossas actividades. E então 50% à conta do projecto música nos museus e outras actividades que temos feito de teatro de fantoches, uma série de outras actividades e então a nossa percentagem de madeirenses é grande.

Agora outra questão é, a nossa, de todos, dos museus de todo o mundo, que estão a fazer a mesma coisa. O Museu de História Natural de Londres lançou no verão um filme de realidade virtual em que recriou as criaturas do oceano, por exemplo. A maior parte das pessoas já estão a trabalhar nestas realidades virtuais. E também o Museu do Holocausto em Illinois, EUA, também começou a transmitir este ano um vídeo interactivo em que os sobreviventes do holocausto conviviam com as pessoas. E estão a pensar criar agora novos hologramas em que os sobreviventes vão fazer conversas com as pessoas. Estas realidades não são as nossas. Como a Raquel falou há pouco do Museu do *Louvre*, eu estive no museu do Louvre em dezembro do ano passado e essa loucura para conseguir ver a Mona Lisa, era muito difícil.

A realidade mudou e todos tiveram de se adaptar. Nós por sermos pequenos não somos diferentes. Tivemos exactamente os mesmos problemas. Temos de nos reinventar, criar novas dinâmicas porque o museu não fechou.

Nós no Museu fazemos serviço educativo, atendimento ao público, preparação dos concertos, entre outras coisas, não estamos constantemente no computador. Nesta altura de teletrabalho, é constantemente, por exemplo, neste momento, no Museu, estamos a gravar um concerto para transmitir no domingo às 19 horas. E temos várias actividades: vamos ter teatro de fantoches, mais um concerto e alguns artistas que são convidados a falar sobre o seu percurso. Até eu própria já filmei uma visita virtual. Tivemos de nos reinventar.

Agora temos previsto uma visita virtual, o museu vai ser filmado, e será apresentado numa visita virtual. E é neste sentido que vamos ter de continuar a trabalhar porque não acredito que até ao fim do ano que os turistas voltem, nem as crianças, nem os idosos.

Estamos também com um projecto - uns óculos com realidade aumentada, e estive lá com o fotógrafo para fazer essas fotografias. Depois tínhamos outro fotógrafo que também precisava de fotografar a colecção, que era uma coisa que já estávamos a fazer, e que em princípio já terminamos.

Também tivemos a parte das reservas, tivemos de tirar as reservas com muita cautela, conferir tudo, voltar a tapar para que fique tudo preservado do pó, nós não parámos.

E temos uma equipa fantástica que é a nossa equipa de produção que está no Teatro, e nós trabalhamos todos em teletrabalho, mas isto nós já fazíamos antes, porque a nossa equipa de serviços administrativos, e a equipa de produção está no Teatro, num edifício no outro lado da cidade, e nós já estávamos habituados a trabalhar por email e por telefone. Normalmente trabalhamos assim e cada vez mais vai ser assim.

No início do confinamento foi estranho, mas depois, como nós temos aquela equipa fantástica no Teatro que nos apoia, mandaram-nos emails para fazer um vídeo e contratar serviços, por exemplo, a Fátima Spínola, que fez uma actividade no Museu, transmitida em direto no facebook. Fizemos também a gravação de um concerto das Varejenta, que também foi colocado no facebook. Eu penso que o nosso futuro, pelo menos até ao fim do ano, vamos ter de continuar a trabalhar desta forma.

Ainda sobre aqueles museus do futuro, por exemplo, eu fui à Polónia em dezembro, a Varsóvia e fui a um museu da história dos judeus poloneses e fiquei fascinada. É um museu fabuloso. Só para termos uma ideia, os alemães é que foram os responsáveis pela guerra, foram os responsáveis por destruir toda a Polónia. E a Alemanha deu 6 milhões de euros para fazer este museu. Ora, esses 6 milhões de euros foi 7% do custo.

O museu é dentro desta linha do digital. É um edifício enorme, super moderno, tem uns jardins fantásticos, uma fachada enorme, mas quase tudo o que vemos é digital, tem a rua dos judeus, onde vemos os judeus a andar, vemos ali as casas deles, é impressionante...

Ana Nóbrega, licenciada em Ciências da Cultura, responsável pelo Museu da Baleia

Resposta 1:

Estamos num contexto diferente do que estávamos habituados, todos nós a nível mundial, não é diferente da Madeira.

Ainda voltando à estatística que o Diogo apresentou: realmente o museu da Baleia apresenta esta tendência - nós temos muito mais visitantes estrangeiros do que da Madeira. Obviamente que temos uma boa percentagem de visitantes de escolas, dos serviços educativos, mas a grande maioria são estrangeiros.

Todos nós nos deparamos com o mesmo problema. É altura de unir forças e tentarmos arranjar uma forma de combater este problema. Não será de um dia para o outro. Temos que nos ir adaptando e traçando estratégias que tenham sucesso.

O digital já é um aliado das instituições há muito tempo, não é uma coisa nova. Neste momento foi um pouco forçado, nós fomos obrigados a nos reinventar e a nos virarmos para aí quase completamente.

Mas o que aconteceu é que nós temos os conteúdos - e eu falo um pouco por mim e o que eu vejo dos colegas de profissão - nós temos os conteúdos concebidos para ser e

apesar do museu da baleia já ter muitos conteúdos digitais, para quem conhece sabe que o museu tem a parte da história e da ciência, mas temos já muitos conteúdos digitais, com tudo o que isso tem de bom e de mau porque ter as novas tecnologias de comunicação também trás muitas avarias.

Mas esta tendência e o recorrer ao digital é um aliado das instituições e neste momento é quase a nossa única opção que temos de chegar ao público.

Temos que trabalhar e traçar estratégias que decorram mais naturalmente. O que nós temos são conteúdos concebidos para a visita presencial, transportado para as redes sociais, para os sites, e isto não é propriamente o que eu julgo que serão os museus do futuro. Os museus do futuro serão já conteúdos projectados para o digital. Temos conteúdos traçados para a visita presencial e estamos a colocá-los digitalmente, mas estes têm de ser concebidos de outra forma, porque para o digital e para as redes sociais deverá ser mais imediato. Temos que pensar nas pessoas que não têm paciência de estar a ler muita coisa, no entanto, temos também de passar informação credível, com rigor, e isto às vezes não é fácil.

Estamos a traçar neste momento o regresso a uma normalidade que não será a normalidade que nós conhecíamos antes, e portanto vamos nos adaptando com o que for acontecendo. Quanto ao digital, não foi usado apenas durante a pandemia, veio muito antes da pandemia e veio para ficar. Todos os dirigentes de museus vão ter de, não será num futuro imediato, mas vamos ter de nos adaptar a isso e de certeza que o iremos fazer. Os nossos jovens, se nós pusermos à escolha, preferem algo que consigam aceder digitalmente do que ir ver e tocar. É uma nova tendência, uma nova realidade.

Relativamente aos repositórios eu só vejo benefícios, se nós conseguirmos formação e tem muitos benefícios, mesmo que as nossas colecções sejam reservadas é muito bom se conseguirmos este trabalho. Também acho que falta trabalho em rede, e que deverá ser feito. Se há conhecimento numa instituição deveria ser partilhado para outra instituição, em vez de estar a fazer o mesmo trabalho de investigação, já ia um pouco mais além. Só assim se consegue chegar realmente muito mais longe.

Acho que, colocando os nossos conteúdos online, com rigor e com critério científico, é muito vantajoso para toda a gente.

Segunda questão:

Moderador- Nos últimos tempos, acho que nunca vi tanta comunicação dos museus. Nunca se comunicou tanto. É que as tecnologias digitais sempre estiveram indisponíveis e em todas as realidades e inclusive no sector cultural.

E, portanto, se durante tantos anos se foram desenvolvendo as valências do digital e na realidade não se planeou uma estratégia de comunicação e de divulgação, com rigor científico e eu arrastava esta mesma questão que será a próxima pergunta para um comentário do Dr. Laureano Macedo, que ele fala desta ideia de distopia entre o fosso do fosso que o digital provoca, ou seja, se por um lado o digital pode ser uma ferramenta de comunicação e de implementação de uma estratégia de marketing, se as instituições museológicas tiverem para captar novos públicos, nomeadamente aqueles que estão nas redes, e em determinadas redes, por outro lado pode dar a falsa percepção de que se eu tomo contacto com a realidade do museu por via digital não há necessidade de eu ir lá presencialmente.

E portanto, isto também é em jeito de provocação, também o desafio contado para o futuro, até então, os museus, quer municipais, quer regionais, quer nacionais, quer do foro público, quer privado, deveriam fortemente ter comunicado e não aproveitaram.

Nesta altura em que sentem essa necessidade de comunicar de, e bem, tornar visível o que até então não era visível, nomeadamente questões de conservação, de identificação, de investigação, têm sido bem comunicadas à escala regional e municipal, mas isso sempre deveria ter sido feito.

E lanço esta segunda questão: as necessidades dos museus de captarem novos públicos, coloca, ou não, a necessidade de estratégia de comunicação e de marketing, nomeadamente no digital, e quais os prós e os contra? Como e que se implementa, é exequível, é fundamental, e as consequências disso mesmo?

Raquel Fraga, historiadora de arte, directora artística da Galeria Marca D'Água

Resposta 2:

Há um museu que sempre apostou na sua divulgação e na aproximação dos públicos quer na parte digital quer na parte de marketing. Foi o Museu Nacional de Arte Antiga. Lembro-me de diversos diretores que passaram pelo museu e que sempre tiveram uma relação muito próxima com um banco para fomentar a parte do marketing e divulgação das suas exposições. Isto porque o orçamento do museu por vezes não é suficiente para a realização das suas exposições e é preciso captar meios financeiros extra. Esses meios foram sempre à base da lei do mecenato e à base de protocolos e parcerias de trabalho, que neste caso era a Fundação Milenium BCP e o Museu Nacional de Arte Antiga. Infelizmente em Portugal não temos essa maneira de trabalhar. Achamos que muitas vezes não podemos pedir dinheiro às instituições e estas também não se sentem à vontade para apoiar os museus, porque não vêm quais são os dividendos que vão tirar se apoiarem um projecto museológico.

Nós somos uma ilha e funcionamos de uma forma mais pequena. Funcionamos muito com os orçamentos das autarquias ou do Governo Regional. Sabemos que a cultura é sempre o parente pobre dos orçamentos.

E fazer uma exposição - às vezes as pessoas podem não ter noção - é uma coisa cara, não é algo que se faça nem de um dia para o outro, só que não podemos ver numa perspectiva de custo e gasto. Cultura é um investimento e tem de ser encarada enquanto investimento, mas tem de ser encarada de uma forma séria. A cultura não pode ser investimento em determinadas alturas do ano, ou de quatro em quatro anos, não pode ser apenas uma bandeira, isto já é um chavão.

Ou as pessoas levam a sério, que a cultura é para ser levada a sério, e nós temos de investir - e chamo a atenção para o que tem acontecido ultimamente - que são os apoios para o associativismo cultural e para as instituições que não têm fins lucrativos, que precisam de ter um financiamento extra, porque estiveram de portas fechadas, os espetáculos foram encerrados e as exposições não podem ser feitas.

Chamo ainda a atenção para o artista, como e que o vemos, nomeadamente, aquele artista que não está ligado a uma associação, que faz as suas obras todos os dias, que tenta viver do seu trabalho. O que é que nós podemos fazer por aquele artista? Porque sem o artista não há arte, não há museus e nós não podemos ter esta conversa.

Neste momento, a par dos fundos para as associações culturais sem fins lucrativos e afins, devia ser feito um fundo para os artistas, que não é um fundo de solidariedade, nem um fundo de sobrevivência. Acho que o artista é uma pessoa que merece uma melhor dignidade e o seu trabalho tem uma maior dignidade do que é. Seria um fundo de aquisição de obras de arte de artistas, de encomendas. Que os museus, as autarquias e o Governo Regional se entendessem para a criação de um fundo estrutural.

Há muitos artistas que, às vezes, querem fazer exposições na minha galeria e dizem não conseguir, por não terem possibilidades financeiras para emoldurar as obras. Por vezes chegamos a um acordo, pois não vou deixar de ter uma exposição que eu considero válida, porque o artista não tem possibilidades económicas, não consegue viver da sua obra, da sua produção artística, o seu trabalho ainda não é reconhecido, está a começar a laborar, mas tem mérito. E outra coisa é a meritocracia que temos que falar, ou seja, estamos a sair até em termos museológicos, dos museus de massas para museus de qualidade. Estávamos a falar que museus para o futuro? São museus de qualidade, museus temáticos, se calhar museus integrados nos seus concelhos.

Esmeralda Lourenço, mestre em Gestão Cultural, responsável pelo Museu Henrique e Francisco Franco

Resposta 2:

Eu queria ainda complementar o que a Raquel acabou de dizer e muito bem. Eu sempre fui defensora desse fundo, até na altura que começamos a fazer exposições temporárias no museu. Todas as exposições temporárias que fizemos tentámos que a Câmara adquirisse algumas peças, mas que me lembre só uma foi adquirida, da artista Luz Henriques.

Era um fundo que a Câmara podia ter em reserva, e que um dia mais tarde poderíamos fazer uma exposição colectiva, com uma peça de todos aqueles artistas que já passaram pelo museu.

Exposições que estávamos a fazer com uma duração de mais ou menos 2 meses são muitas exposições. Se tivéssemos uma peça de cada uma, já conseguíamos fazer uma colectiva. Mas sabemos que há sempre outras prioridades, e mais agora nesta altura.

Sobe o pagamento aos artistas, a Câmara não tem comprado peças, mas tem pago os concertos. Os artistas que vão fazer as suas actividades são pagos. As exposições que

são feitas no Museu são pagas. É um valor simbólico, dá para os materiais e pouco mais, mas é pago, é alguma forma de ajuda.

Estes concertos, que tínhamos programado no projecto música nos museus, optamos por não cancelar, embora haja alguns concertos em que tivemos de reduzir o número do grupo de músicos. Por exemplo, o último concerto, que eram 17 elementos, só vieram 3. Reduzimos, mas, isso foi pago. A Câmara, indirectamente, está a ajudar os artistas na medida do possível, porque sabemos que tem muitas solicitações noutros sentidos.

A Câmara está agora com um plano cultural que é o Funchal Cultura 2030. O que está a acontecer agora é uma auscultação às necessidades, ver o que é preciso ser feito. E estas conversas servem para isto mesmo. Se calhar as pessoas que nos estão a ouvir vão tomar em atenção as tuas palavras e vão criar um fundo para esse fim, porque até no próprio Teatro há exposições com muita regularidade. Se comprássemos uma peça de cada exposição que o Município do Funchal faz, no fim do ano tínhamos uma boa colecção que poderíamos fazer uma exposição colectiva com objectos nossos e património que ficaria para os munícipes.

Ana Nóbrega, licenciada em Ciências da Cultura, responsável pelo Museu da Baleia

Resposta 2:

A especialidade do museu da baleia não tem que ver com a arte, mas, obviamente, isto não é um problema exclusivo das artes plásticas, é um problema do património e da cultura. É transversal a todo o sector. Quem trabalha na cultura sabe que nunca é a prioridade, há sempre outras prioridades e a cultura vem depois de outras necessidades satisfeitas. Há muito pouco financiamento no sector cultural, mesmo a nível europeu, a nível de convocatórias de projectos. Há muitas limitações, nem todos os requisitos que são definidos, é um sector que precisava realmente de financiamento a outro nível, começando pelo regional, mas alargando e indo para o nacional e mesmo europeu. Quando analisamos há muitos financiamentos para outras áreas e a área da cultura é sempre desvalorizada, voltamos ao mesmo. Se tem a ver com as prioridades - e digo isto de experiência própria, mas também quando falo com colegas de profissão e acabo por chegar a esta conclusão - que não é um problema só de uma instituição é transversal a todo o sector cultural. E sim, falta financiamento para este sector.

Terceira questão:

Moderador- Estas três instituições que as convidadas representam têm demonstrado uma forte aposta nos serviços educativos. De que forma os serviços educativos terão de se adaptar para o futuro, e de que forma eles podem constituir melhor forma, democratizar o acesso cultura, tornando por via da aproximação à cultura numa sociedade mais justa, mais estudante e mais solidária?

[Raquel Fraga, historiadora de arte, directora artística da Galeria Marca D'Água](#)

Resposta 3:

Eu acho que acima de tudo é uma forma de nós nos encontrarmos com a nossa identidade, e a identidade começa quando somos pequeninos. Nós começamos a perceber quem somos ou quem fomos, muitas vezes através dos museus, através da arte, ao longo dos tempos da evolução, quem foi o artista mais importante, qual foi aquele movimento, qual foi a rutura.

Estamos num momento de rutura em termos culturais. Não só em termos de saúde pública, mas também em termos culturais. Estamos num movimento de rutura e estes movimentos são cíclicos e vamos ultrapassar tudo isto. Os sectores educativos, ao princípio, não se vão desenvolver grandemente, mas terão que ter os tais conteúdos digitais. Serão sectores que terão de trabalhar muito para a parte digital, para a parte interativa. Temos também de acompanhar os nossos jovens, que não são os mesmos jovens da nossa geração, da minha geração. São jovens completamente diferentes. Temos que levá-los ao museu desde tenra idade, desde pequenos. E eles podem fazer desenhos, a obra que gostaram mais, podem fazer uma serie de coisas .

Numa primeira fase, os serviços educativos vão levar um rombo muito grande. Não vamos conseguir trabalhar com os serviços educativos. Vamos ter que trabalhar de uma outra forma, vamos ter de trabalhar muito com o digital para chegar aos meninos e às meninas que estão em casa, que ainda não foram para a escola. Quando começarem a ir para a escola já podemos trabalhar com o sector educativo, com as regras todas do distanciamento social, com grupos mais pequenos, mas com muitas actividades. Temos

que ser muito criativos. Aquilo que se pede aos museus e às pessoas que trabalham nos museus e a mim que tenho a galeria, é que temos que por a cabeça a trabalhar muito mais do que antes. Antes estávamos um bocadinho parados no tempo, acomodados. E uma situação que nós estávamos habituados há 20 ou 30 anos, e esta rutura que nos aconteceu há meses, vem transformar isto tudo e isto vai transformar também os nossos sectores educativos.

Esmeralda Lourenço, mestre em Gestão Cultural, responsável pelo Museu Henrique e Francisco Franco

Resposta 3:

Nós temos a nossa agenda que é o projecto municipal para a cultura e nesta agenda temos as nossas actividades, entre elas, as Sementes de Mudança, que eram visitas encenadas. Essa temporada já terminou, mas estamos em negociações para ver se conseguimos continuar as visitas encenadas de outra forma, pela forma digital.

Vamos continuar a fazer online. Temos em junho um teatro de fantoches em direto no facebook, a partir do museu. Portanto, essa atividade que era para ser feita com os meninos lá no espaço físico, será feito online.

A Fátima Spínola, que é uma das nossas parceiras, tem uma série de actividades, que vai fazer ao longo do tempo. Fez uma há poucos dias, a 7 de maio, e irá fazer outras. Serão atividades online, em que vão os artistas plásticos, que têm uma capacidade fantástica de lidar com as crianças e falar da sua arte, vão tentar através do seu trabalho e do eu apelo, que as crianças colaborem online nas suas actividades. São desafios lançados, neste caso ainda não há as escolas, porque as escolas também estão em teletrabalho. Podemos fazer esse trabalho com as escolas online, com as creches, com as crianças que vão agora para as creches, mas sempre numa óptica do digital.

Ana Nóbrega, licenciada em Ciências da Cultura, responsável pelo Museu da Baleia

Resposta 3:

Os serviços educativos têm tido, cada vez mais, um papel importante nas instituições. A nossa instituição tem contado com o apoio do Governo Regional, com o destacamento

de professores, à semelhança de muitas instituições museológicas. E tem um desafio muito interessante, que é através das colecções, utilizá-las como ferramenta para formar e informar as crianças, os jovens, e não só. Porque também a educação não se esgota com a idade escolar, nem com a escolaridade obrigatória. Temos também o público sénior, que é um desafio também muito interessante nas instituições museológicas, e que também temos que contar. Obviamente, perante o contexto actual, as coisas mudaram completamente. Temos tentado lançar alguns desafios digitais também, para não perdermos o elo com os nossos públicos. Mas é muito difícil trabalhar assim. Eles estão todos sobrecarregados, como sabemos, com as escolas e com todas estas novidades, e esta adaptação que eles tiveram de fazer. Tanto as crianças, como os pais e como todos nós.

Moderador- Agradeço às convidadas, ao Museu Henrique e Francisco Franco, ao Museu da Baleia e à Galeria Marca de Água pela participação, e a todos aqueles que nos escutam pelas redes sociais do município. Vemo-nos por aí, pela cultura do Funchal.